



WEBER, J. F. **Formação (*Bildung*), educação e experimentação em Nietzsche**. Londrina: Eduel, 2011.

Danilo Vitor Pena

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: dvpberaba@yahoo.com.br

O livro de José Fernando Weber é um trabalho que enfoca a educação tendo como ponto de partida os seus eixos fundamentais, à luz da filosofia de Nietzsche. Restituindo a sua dignidade e originalidade, que ultrapassa a educação escolar, a pergunta transversal a toda obra seria: como construir o humano por meio da educação?

O fio condutor para as análises ali feitas é a filosofia de Nietzsche, a partir da transição que o pensador alemão desenvolve nas etapas do seu projeto filosófico, não ficando restrito, como habitualmente ocorre, às obras da juventude. Weber alarga a reflexão para cumprir um trajeto que vai de *O Nascimento da Tragédia* a *Humano, Demasiado Humano*, identificando em Nietzsche uma espécie de sismógrafo de alguns dos impasses mais velados da modernidade.

Em termos estruturais, a obra está dividida em quatro momentos. O primeiro capítulo apresenta a vinculação do tema “formação” (*Bildung*) com as teorias de arte vigentes na Alemanha da segunda metade do século XVIII, polarizando as discussões entre Winckelmann (que versa sobre a imitação dos gregos na perspectiva estética alemã) e Nietzsche, com o seu projeto de uma metafísica do artista. No momento seguinte, o autor

apropria-se da obra *O Nascimento da Tragédia*, expondo a agudeza crítica desse livro que desafia a concepção tradicional dos gregos como povo sereno e simples, exaltando a Tragédia e o espírito dionisiaco.

Os capítulos posteriores já exploram a grande virada do pensamento do filósofo pela obra *Humano, Demasiado Humano*, que supera a análise crítica dos estabelecimentos de ensino (realizada em cinco conferências proferidas na Universidade da Basileia) e compreende a Educação (*Erziehung*), inserindo-a num contexto mais amplo, antropológico, de vivência e experimentação, radicalizado no processo de constituição do humano.

Todos os capítulos convergem para elucidar o juízo de Nietzsche sobre a formação. Visam responder a uma tentativa não unidirecional de mostrar que o específico da interpretação que ele possui sobre a formação, a modernidade e os seus impasses, consiste em apreender, sem concessões ou facilitações, que o homem é tempo e, por consequência, inacabamento.

Superando a visão construída sobre a França e a Alemanha do século XVIII ao XX, que compreende a primeira como democrática e a segunda como apolítica, o autor aponta seu caráter impreciso, ao menos o que se diz sobre a Alemanha. Para isso, Weber recupera os discursos do filósofo Fichte, que em um momento de crise militar (a derrota da Prússia para o exército de Napoleão) conclamava os alemães para a reconstrução da nação, afirmando que somente uma mudança total da realidade educativa existente pode manter em pé não só um povo, mas toda a humanidade. Esse discurso figura no ato educacional a via para engendrar uma nova realidade humana do homem.

Nessa esteira, Humboldt propõe, por sua vez, a reforma das instituições escolares e da Universidade, pautada na recusa dos princípios utilitários, cujo resultado foi a criação da Universidade de Berlim. Nesse empreendimento humboldtiano, pode-se afirmar que *Bildung* é um dos termos mais importantes da língua alemã, sintetizado por muitas escolas literário-filosóficas como “formação/cultivo”. É um conceito que se encontra vinculado ao movimento do tornar-se o que se é. Um ideal pedagógico cujo objetivo também era buscar resposta aos antagonismos modernos como vida e espírito, genérico e individual, natureza e cultura. Segundo Jaeger¹ (1995, p. 12), “a palavra alemã *Bildung* é a que designa do modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico”. É também o conceito

¹ WERNER, J. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: M. Fonte, 1995.

que polariza, ao menos na Alemanha, a ética, a educação, a estética e a política, constituindo o ponto máximo de concreção da filosofia prática.

Para grande parte dos intelectuais alemães do século XIX, voltar à Grécia significava deter-se na pólis de Atenas dos séculos V e IV a. C., cujos referenciais; estéticos, políticos e filosóficos estão relacionados ao conceito de serenidade, representado simbolicamente na imagem do deus Apolo. O ideal de beleza desenvolvido pelos gregos, a harmonia, a simplicidade estética, a serenidade, a leveza visual fez que os seguidores do movimento literário Sturm und Drang, bem como os intelectuais alemães ligados ao Classicismo e outros ligados ao Romantismo, depositassem no ideal helênico o conceito explicativo para toda a atividade artística, dos gregos aos alemães do século XIX.

O texto resgata com rigor e didática o contexto cultural da Alemanha nesse período. Tal mérito favorece a leitura do contexto educacional que Nietzsche posteriormente criticaria, dando, em uma leitura mais ampla, suporte a *O Nascimento da Tragédia*. Ao publicá-la, Nietzsche, até então prestigiado pelos círculos acadêmicos, posiciona-se contra a interpretação consensual de imitação dos padrões helênicos, recebendo duras oposições. É nesse momento que a filosofia de Schopenhauer foi uma fundamental chave de leitura da cultura grega, decisiva para a crítica dessa interpretação tradicional. O ponto nevrálgico, desenvolvido por ele e esquecido pelos alemães, foi o impulso dionisíaco como teoria estética.

Aqui, de acordo com a análise de Weber, desenvolve-se a sua recusa da abstração excessiva, da insuficiência dos conceitos em questões relativas à arte, quando elaborados enquanto explicação unilateral. A teoria estética e a teoria da cultura nietzschianas sustentam-se na crítica ao dilaceramento da natureza em indivíduos. Ou, em outros termos, a arte apolínea era o atestado da luta desencadeada por homens que possuíam uma superafetação da sensibilidade e que projetavam nas suas obras, o remédio para o sentimento dilacerante da existência.

O cerne da questão é compreender como um povo tão suscetível ao sofrimento tenha produzido uma civilização e uma cultura tão exemplares. Como lhes foi possível superar o aspecto pessimista da existência? Como engendrar a força que transforma impedimento e obstáculo em estímulo? Para Nietzsche, foi justamente a tragédia grega que tornou-se a superação desses antagonismos, a autossuperação em proveito de uma

cultura estética. Nesse processo de superação, a religião e a filosofia platônica assumem papéis preponderantes.

Com Sócrates começaria, ao juízo de Nietzsche, algo completamente novo na história do ocidente, algo incontornável e perigoso: o apogeu da ciência, segundo a qual a existência poderia ser corrigida, reparada. O otimismo torna-se o vetor explicativo dos movimentos da cultura ocidental. Na oposição a esse movimento, Nietzsche, ao menos em suas primeiras obras, era partidário do renascimento do dionísio na cultura alemã, sendo Wagner – sua pessoa e sua arte – parte desse programa, sepultado, entretanto, com a inauguração do Teatro *Bayreuth Festspielhaus*, teatro que Wagner construiu para representar suas óperas.

Feita essa investigação contextualizada, outra pergunta surge como motor para a própria temática da obra de Weber: o que Nietzsche teria a dizer sobre a formação dos jovens, submersos nesses movimentos culturais decadentes? Em *Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino*, Nietzsche demonstra a existência de vínculos entre tendências aparentemente opostas. Segundo ele, existem na Alemanha do século XIX duas concepções de cultura: a primeira, baseada no ideal de extensão, visa levar o máximo de cultura para o maior número de pessoas possível; a segunda é orientada pelo conceito de retração, ideia pela qual a cultura se torna meio para o fortalecimento do Estado. A primeira tendência está associada aos movimentos de liberação e direitos individuais. A segunda vê a cultura como um expediente passivo para o fortalecimento do Estado, onde os ginásios e as escolas tornam-se espaço de formação de burocratas e funcionários.

Nessa crítica, o que ele exige, já em 1872, é que se chamem as coisas pelos devidos nomes; afinal, escolas técnicas são necessárias para a sociedade, mas não são escolas de cultura (*Kultur*), de formação (*Bildung*). Ele salienta que o sistema do mercado é distinto do sistema de cultura. Nietzsche insiste que uma instituição de cultura, ou o ginásio enquanto instituição de cultura, nada tem a ver com a profissionalização.

Aqui, Schopenhauer ocupará uma posição de destaque no seu projeto de crítica da cultura alemã e no seu “devir” filosófico. Mais do que pensamento, o que educa é o homem/filósofo Schopenhauer. Essa ideia é decisiva para a compreensão da teoria nietzschiana da formação do gênio no período posterior a *O Nascimento da Tragédia* e anterior a *Humano, Demasiado Humano*. Com a escolha de Schopenhauer como seu mestre filósofo, ele aprendeu que ninguém escolhe um mestre impunemente.

O livro consegue transitar do *Bildung* ao conceito de *experimentação*, aliando rigor argumentativo com um texto discursivo que aproxima o leitor do pensamento de Nietzsche, levando em consideração o seu aspecto labiríntico e os impasses que o próprio filósofo criou em suas obras. Exemplo disso pode-se encontrar em todo o processo de crítica metafísica e abandono da filosofia schopenhaueriana, a partir de *Humano, Demasiado Humano*. Nesse momento segundo, para Weber, a mentira, a fluidez, a busca pela superfície é dada de maneira muito mais agressiva e contundente. A arte será uma espécie de anteparo histórico da amenização para as consequências que um conhecimento sobre a não essencialidade das coisas e da humanidade poderia ter para o homem.

Essa mudança representa uma transformação de concepção. A partir de *Humano, Demasiado Humano*, o tema da educação aparecerá no contexto da crítica da moral. O tratamento dado por Nietzsche à educação inova ao considerar que a elucubração acerca da moralidade também implica, num sentido bastante largo e abrangente, a referência à educação.

Ele não se dedicou a apresentar uma história das práticas de constituição e valores vinculados à abordagem educacional. Seu procedimento consistiu em mostrar como a crítica à moral pode ser apresentada enquanto crítica à educação. Assim, tal mudança de referencial é acompanhada pela quase total subsunção de uma na outra.

O que mudou no discurso nietzschiano após o abandono do conceito de *Bildung* foi, principalmente, a eleição da crítica à moral como baliza para qualquer reflexão sobre a humanidade. Em termos objetivos, essa escolha teórica e metodológica implicará a constituição de dois grandes focos de incidência da reflexão educacional: o estabelecimento de ensino, segundo o qual a educação deve ser conduzida pelo rigor da ciência; e o abandono da educação ao servilismo da religião. Aí está a especificidade de Nietzsche: a vinculação entre educação e crítica à religião, à metafísica e à moral.

Em seu percurso, Weber elenca três tipologias pedagógicas, à medida que transita na seara do filósofo alemão. A primeira é o *unicum* – o filósofo, o artista, o santo. Em *Schopenhauer como Educador*, esse termo aparece afirmando a unicidade do homem, que ao mesmo tempo singular, necessita aliar-se ao rebanho, fazendo dessa moral a sua regra. Nessa perspectiva, a educação deve libertar, descobrir e cultivar o ponto forte de cada um, ou relacionar harmonicamente todas as forças, mas não somente, pois deve impedir que ela aja de maneira destrutiva com

relação a outras forças. O filósofo, o artista e o santo são os homens verdadeiros, que transcenderam a animalidade e onde a Vontade já não impera de forma plena.

A segunda tipologia pedagógica é a dos *espíritos livres*. Esses figuram no subtítulo de *Humano, Demasiado Humano* – um livro para Espíritos Livres. São aqueles que pensam de forma diferenciada. É o fruto maduro da crítica, que surge com a quebra da vinculação cega à moralidade dos costumes. Suas marcas são a honestidade intelectual e o autoexílio.

A última tipologia proposta por Weber é o *além-do-homem*, aquele que, de forma mais intensa, mesmo que menos ativamente, considera a vida um erro. Ele é o espírito negador e cínico que sequer tem força e vontade para obedecer. Seu raciocínio é: o mínimo de vontade, pelo mínimo de sofrimento. Assim, o último homem é a figura antitética por excelência do além-do-homem, pois ele é a realização plena daquela tendência que subverte a própria natureza. Como contrafigura deste, surge o além-do-homem, marcado pela autossuperação e experimentação. É aquele que leva adiante a doutrina da vontade de poder, segundo a qual tudo, a própria vida, é expressão dessa vontade.

Tendo como parâmetro essas tipologias pedagógicas, a obra conclui retomando a progressão do pensamento de Nietzsche ao superar as construções teóricas sobre a subjetividade do século XVIII. Ele propõe um lançamento gradativo do homem ao mundo, na medida em que é a abertura dele a si mesmo que constitui uma das dimensões mais decisivas também para a educação, não enquanto formação (*Bildung*), mas enquanto experimentação.

Formar, educar e experimentar, tudo ao mesmo tempo. Essa sequência pode ser interpretada como um ideal educacional, na medida em que incorpora tanto a pertença a uma tradição, quanto a sua crítica, bem como a tarefa de recriação de sentido num mundo em crise, tema tão caro a Nietzsche e tão decisivo a todo pensar pedagógico minimamente contextualizado.

Recebido: 12/12/12

Received: 12/12/12

Aprovado: 15/12/12

Approved: 12/15/12